

WebTV, teleTV e a convergência anunciada.

*Sérgio Capparelli, Murilo César Ramos e Suzy dos Santos**

Resumo:

O trabalho pretende mapear as mudanças estruturais que estão ocorrendo na televisão, a partir da sua relação triangular com as telecomunicações e com a Internet, no sentido de uma convergência nesta mídias. Analisam-se – em termos globais e, quando possível, locais – as movimentações das indústrias de telecomunicações, a reestruturação dos espaços econômicos (globalização e concentração) e a adaptação dos modelos reguladores à realidade de mercado.

Palavras-chave: convergência, televisão, Internet

Resumen

El trabajo se propone detectar los cambios estructurales que están ocurriendo en la televisión, a partir de su relación triangular con las telecomunicaciones y con la Internet, en el sentido de una convergencia en estos medios de comunicación. Se analizan – en términos globales y cuando posible, locales – la movilización de las industrias de telecomunicación, la reestructuración de los espacios económicos (globalización y concentración) y la adaptación de los modelos reguladores a la realidad de mercado.

Palabras clave: convergencia, televisión, internet.

Abstract

The article intends to draw a map of television's present process of changes, and cover the media convergence involving TV, the telecommunications industry and the Internet. The text analyzes the way the telecommunications industry moves around the world, the new structures of the economic sector (globalization and concentration) and the regulatory model adaptation to the market.

Keywords: convergence, television, Internet

* Sérgio Capparelli é professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Murilo César Ramos é professor da UnB e Suzy dos Santos é bolsista do CNPq, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Às vezes o novo é um novo rosto para velhas faces; às vezes o antigo continua antigo com novo uso; às vezes o novo foi apenas novo um dia; ou se trata de uma antiga tecnologia e de um homem novo; ou, finalmente, é toda uma tessitura refletindo os novos tempos. Isso pode ser dito com referência à expressão novas tecnologias. A verdade é que tanto o automóvel como o televisor, serviram de motor ao desenvolvimento do modelo fordista de produção e ao desenvolvimento capitalista, no período posterior à II Guerra Mundial. E a chamada revolução eletrônica serve agora de motor à reorganização deste modelo para sair das sucessivas crises que esse mesmo capitalismo vem enfrentando desde a década de 70. O atual momento é de transição para um modelo pós-fordista que reduz as barreiras espaciais e geográficas. Para que este modelo seja implantado, são necessárias alterações profundas nas economias e nos modelos político-institucionais.

A transição por que passam as economias, os Estados e as instituições de dimensão global, também ocorre nas comunicações. Conforme Manuel Castells:

"For all the science fiction ideology and commercial hype surrounding the emergence of the so called Information Superhighway, we can hardly underestimate its significance. The potential integration of text, images, and sounds in the same system, interacting from multiple points, in chosen time (real or delayed) along a global network, in conditions of open and affordable access, does fundamentally change the character of communication" (Castells, 1996, p. 328).

Essa convergência atual de tecnologias de distribuição de voz, dados, imagens e sons através da digitalização da informação passa por diversas instâncias, seja a convergência de equipamentos de comunicação, telecomunicações e informática; a convergência dos modelos de consumo de informação, entre comunicação de massa e comunicação interativa; a convergência dos produtos das indústrias culturais em um único produto multimídia; e a convergência da economia das comunicações que agrupa dois setores distintos – telecomunicações e comunicação eletrônica de massa – mediados pela informática.

Propomo-nos, neste trabalho, a mapear o contexto em que algumas modalidades dessas convergências que vem acontecendo, especialmente no Brasil. Em seguida, analisaremos as mudanças estruturais – em termos globais e, quando possível, locais – que ocorrem na relação triangular da televisão com as telecomunicações e com a Internet.

Essa análise terá como pano de fundo uma nova ordem mundial em

que, a exemplo (e por incentivo) dos Estados Unidos, os países da América Latina optam por uma quebra dos monopólios estatais de setores importantes da economia. Nas comunicações, por exemplo, Argentina, Chile, México, Peru e Venezuela já têm sistemas de telecomunicações completamente privatizados, sendo que o Brasil começou a completar, em 1999, o seu processo de privatização com a licitação das empresas-espelho destinadas a concorrer com as empresas sucessoras do Sistema Telebrás e finalizará o processo com a abertura total do mercado em 2002. Essas experiências mostram, por outro lado, que a convergência das comunicações não pode ser analisada apenas em função das inovações tecnológicas: as mudanças que a trouxeram à tona estão alinhadas ao modelo neoliberal, ou pós-fordista segundo Harvey (1994), de desenvolvimento do capitalismo na busca de alternativas para a sua manutenção. “Nesse contexto, a televisão, que tinha sido um dos motores do desenvolvimento fordista (Garnham, 1991) volta a assumir um papel importante, agora formando um conjunto dinâmico na economia, junto com as telecomunicações e a informática” (Capparelli, Ramos, Santos, 1999, p. 10).

Telecomunicações e TV

Com as incessantes evoluções tecnológicas, a televisão gerou outra, com grande ímpeto comercial a partir do final dos anos 70: a televisão por assinatura. E a televisão por assinatura se parece com essas bonecas russas, trazendo dentro de si a possibilidade de desenvolver características híbridas ao contato com outras áreas de produção, dela originando-se sempre novos serviços e novos produtos. Talvez ela deixe de ser nomeada como televisão e passe a chamar-se cibertelevisão (Noam, 1995) porque estaríamos entrando na época da pós-televisão (Piscitelli, 1998) ao oferecer serviços até então separados – como as telecomunicações, comunicação massiva e transporte de dados – bem como outros produtos, a partir da dinâmica das mega-fusões. Ou então nem se chame mais televisão, com a grafia completa, e seja um dispositivo novo – com um ‘nome-sigla’ como PCTV ou MacTV, bem ao estilo dos nomes dos novos serviços que têm surgido nos últimos tempos como ATV e HDTV¹ – que esteja inserido em uma “cultura da virtualidade real” (Castells, 1996).

1 ATV (*Advanced Television*) – Sigla que designa a TV *broadcast* digital; HDTV (*High-Definition Television*) – TV de alta definição, padrão de televisão digital que gera imagens mais nítidas e definidas.

Considerado o último grande mercado do Ocidente ainda inexplorado, o Brasil tem, em qualquer das modalidades de TV por assinatura, uma significativa vantagem comparativa. O atraso ocorrido em relação a outros países permite que as três modalidades – TV por cabo; DTH (*Direct to Home* - transmissão direta por satélite via sinais digitais); e MMDS (*Multichannel Multipoint Distribution Service* – transmissão por microondas) estejam amadurecidas para serem aplicadas, em larga escala, em estágio avançado de seu desenvolvimento tecnológico. Em outras palavras, a TV por assinatura chega ao Brasil no momento quase exato da convergência entre as mídias de entretenimento, as telecomunicações e a informática, o que traz possibilidades adicionais de negócios na exploração não só dos serviços de vídeo, como também de outros serviços digitais em ambientes de banda larga.

Mais ainda, a televisão por assinatura no Brasil foi sendo implantada justamente com a reestruturação do arcabouço institucional das comunicações brasileiras, tendo em vista o fim do monopólio estatal na telefonia básica e comunicação de dados, bem como na exploração dos serviços de telecomunicações por satélites visando uma regulação conjunta (convergente) de todos os serviços e meios de distribuição. Isto está abrindo efetivamente novos campos de atuação no mercado para os operadores de televisão por assinatura, já que os serviços de vídeo que oferecem, em um cenário digital, convergem com outros serviços, particularmente com aqueles que ora surgem em função do crescimento, no país, do número de usuários da rede mundial de comunicações, conhecida como Internet. Em outras palavras, as mudanças das políticas normativas em curso constituem importantes atrativos para uma indústria até bem pouco vista apenas como provedora de televisão mediante assinaturas.

O ano de 1998 foi marcado por dois acontecimentos de extrema relevância para o novo cenário da convergência das teles e da TV. O primeiro deles foi a privatização do sistema Telebrás, que envolveu interessados não só do meio das telecomunicações, mas também das empresas de comunicação, até então trabalhando apenas o conteúdo; já o segundo consistiu na crise mundial que elevou os juros e atingiu empresas brasileiras de comunicação.

Nesse novo cenário as redes de televisão constroem um cenário não tradicional:

1. Uso crescente das cadeias de televisão e suas frequências para oferecer serviços de transmissão de dados, muito próximos daqueles ofe-

recidos pelos serviços de telecomunicação. A RAI, italiana, e a BBC, inglesa, transmitem as cotações diárias da bolsa; a Redevisión, da Espanha, aproveita as redes de televisão para oferecer serviços de telecomunicações;

2. O crescimento dos canais de televisão, que cobram pelo serviço oferecido, baseado no consumo, como os programas de televisão próximos ao modelo oferecido pelas telecomunicações (*pay-per-view*).

3. O desenvolvimento de redes de distribuição televisiva por cabo, que em alguns países como Bélgica e Holanda alcançam quase 90% das famílias, e a licença para o uso dessas redes no serviço telefônico, como acontece no Reino Unido e acontecerá no Brasil a partir de 2002.

Na recente privatização do Sistema Telebrás, o grupo Globo, associado à poderosa AT&T, pretendia adquirir a maior operadora regional à venda: a Telesp. O grupo perdeu, no leilão, para a Telefónica Internacional (associada ao grupo brasileiro de comunicações Rede Brasil Sul - RBS). Mesmo assim, o grupo adquiriu as concessionárias de telefonia celular Tele Celular Sul (por R\$ 700 milhões) e a Tele Nordeste Celular (por R\$ 660 milhões junto com dois parceiros: a Telecom Itália e o banco Bradesco).

Outras empresas de comunicação têm interesses em telecomunicações no Brasil. A CRT, do Rio Grande do Sul, teve seu capital comprado por um consórcio que envolvia a RBS e a Telefónica Internacional. A RBS participou também da telefonia celular na Banda B com os consórcios BCP e BSE. Ao mesmo tempo, os grupos jornalísticos *Folha da Manhã* e *O Estado de S. Paulo* participaram de outros consórcios, todos eles mesclando operadoras internacionais, bancos nacionais e estrangeiros, além de empresas de equipamento².

Se, por um lado, as empresas de comunicação estão se movimentando em direção às telecomunicações, o contrário também ocorre. Na privatização da telefonia argentina, a antiga empresa estatal Entel foi dividida em duas partes, dividindo o país e a capital ao meio geograficamente. Esta foi a porta de entrada para as *global traders* no mercado convergente argentino. A associação CEI-Citicorp Holdings/Telefónica Internacional S.A. (TISA) veio fazer frente ao grupo local Clarín na divisão deste mercado convergente. Os dois grupos têm negócios em diversos setores das comunicações. São as 'teles' caminhando para as 'TVs'.

2 Os fabricantes de equipamentos já estão presentes em duas operadoras independentes da banda A que abriram recentemente seu capital: Ceterp de Ribeirão Preto-SP, Motorola; e Sercomtel de Londrina-PR, Ericsson.

No Brasil, esta movimentação também começa a ocorrer principalmente com a Telefónica Internacional, que, além da Argentina, também atua no Chile, Peru, El Salvador, Porto Rico e Venezuela. A Telefónica, que no Brasil adotou a marca *Telefonica* sem acento gráfico nenhum, já está associada ao grupo RBS³ em telecomunicações e no provimento de Internet. O grupo também tem investido em redes digitais de banda larga nas operadoras de telecomunicações que detém no país. Acredita-se que, assim que estiverem restritas as barreiras legais para a propriedade cruzada, o grupo é um forte candidato a entrar no setor de TV por assinatura como ocorreu na Argentina. Mais ainda: uma vez superada a barreira constitucional que impede a entrada do capital estrangeiro nas empresas jornalísticas e de radiodifusão – há emenda constitucional tramitando no Congresso nesse sentido –, o grupo espanhol deverá ser forte candidato a assumir o controle de uma rede de TV aberta no Brasil. Este cenário sinaliza uma convergência efetiva dos setores de telecomunicações e comunicação de massa no Brasil.

3 A relação RBS/Telefonica está marcada pelo episódio de conflito, ocorrido na privatização do Sistema Telebrás. Este episódio serve para exemplificar como os oligopólios internacionais, que se fortalecem com o pós-fordismo, podem desestruturar as estratégias dos oligopólios nacionais no setor. Poderia se dizer que a RBS, ao se associar à Telefónica, estava alavancando não só a sua participação no setor de telecomunicações como também a sua inserção no mercado globalizado das comunicações. Esta conjectura, porém, adquire outros contornos se compararmos as intenções das empresas brasileiras no setor de telecomunicações e os resultados de privatização do Sistema Telebrás. No mercado nacional existia uma espécie de acordo informal entre a Rede Globo e a sua afiliada RBS que delimitava geograficamente a atuação dos grupos no setor de telecomunicações: a RBS se concentraria na região sul e a Globo no centro do país. Desta forma, na divisão do Sistema Telebrás em três empresas de telefonia fixa, uma de longa distância e oito de telefonia celular, interessava à RBS, a aquisição da Tele Centro Sul; e à Globo, a Telesp, a Telesp Celular ou a Tele Sudeste Celular (Rio de Janeiro e Espírito Santo). A intenção estratégica das duas empresas foi desarticulada a partir da aquisição, pela *holding* Tele Brasil Sul, da Telesp, por R\$ 5,78 bilhões contra os R\$ 3,965 bilhões ofertados pelo consórcio formado pela Globopar, o banco Bradesco e a Telecom Itália. O lance pela Telesp foi definido sem o conhecimento da RBS. A reação do presidente do grupo foi instantânea: “*Eu me retirei, foi um choque*”, disse Nelson Sirotsky ao jornal Folha de São Paulo um dia depois do leilão (Souza, 31 jul. 1998, p. 1-6). Com a aquisição da Telesp, legalmente, a empresa ficou impossibilitada de concorrer ao leilão da Tele Centro-Sul, vencido pela Solpart Participações – banco Opportunity,

Internet na TV e TV na Internet

A evolução das novas tecnologias de distribuição da programação televisiva enriqueceu a quantidade e a qualidade de oferta de serviços. São concretamente essas mudanças que levam Garnham (1995) e Richeri (1994) a considerarem esse novo sistema como um dos principais motores da convergência das comunicações. A nova estrutura de redes, tanto por satélite como por cabos de fibra ótica, está capacitada para oferecer serviços que extrapolam a transmissão de imagens e áudio.

Estamos trilhando, neste momento, um caminho onde ocorre não apenas a convergência tecnológica de setores distintos, mas, também, convergências econômicas e políticas. Enquanto Henry Ford foi o símbolo de um modelo de capitalismo industrial – no qual a produção e o consumo massivos foram regulados através do ‘Estado de Bem Estar Social’ –, Bill Gates é o símbolo de uma nova forma de capitalismo convergente caracterizado pela re-regulamentação que vem ocorrendo nos últimos anos. Assim, argumenta-se que estamos em transição de um fordismo a um “gatecismo”.

Para o canadense Gaetan Tremblay (1995), a relação entre estes modelos não é, necessariamente, interpretada como um rompimento radical entre uma sociedade industrial e uma nova sociedade da informação, mas, ao contrário, deve ser compreendida dentro da estrutura de uma dinâmica específica do capitalismo. “*These changes nevertheless translate into a shift from one mode of organization to another, from one production and consumption norm to other production and consumption norms (...) the search for new modes of social regulation is part of this process of change*” (p.25).

Além da programação tradicional de vídeo e áudio, *home banking*, *home shopping*, telefonia, tele-conferências e Internet são serviços que agora podem ser oferecidos tanto pelas operadoras de televisão por assinatura quanto pelas de telecomunicações. A atual legislação brasileira de

3 (continuação) Telecom Itália e fundos de pensão. Do outro lado, o consórcio que incluía a Rede Globo perdeu também a Telesp Celular para a Portugal Telecom (parceira da Telefónica) e acabou ganhando a Tele Celular Sul. Desta forma, em vez de solidificar a participação da RBS no mercado de comunicações da região sul, a parceria com a Telefónica funcionou inversamente: serviu de base para a entrada da operadora global no país e restringiu a expansão da RBS. Esse episódio, além de estremecer as relações entre as duas parceiras, abalou profundamente o planejamento da RBS.

cabodifusão limita as operadoras de televisão por cabo a oferecerem apenas vídeo e áudio, mas permite a locação do excedente da capacidade das suas redes para operadoras de telecomunicações. No caso das operadoras de telecomunicações, elas estão proibidas de operar qualquer modalidade de televisão, *broadcasting* ou por assinatura, e sua atuação está limitada às áreas geográficas definidas no processo de privatização até 2002.

Mas estas restrições estão muito perto de serem eliminadas. A recente proposta de "Regulamento para Utilização de Redes de Distribuição de Serviço de Comunicação Eletrônica de Massa por Assinatura para o Provimento de Serviços de Valor Adicionado" aprovada pela Resolução 190, de 29 de novembro de 1999, pela Anatel, já liberou os operadores de televisão por assinatura ao provimento de Internet, um serviço de telecomunicações de valor adicionado (SVA). Como a TV por cabo está regulada por ato normativo (Lei 8.977) distinto dos outros serviços por assinatura, como MMDS e DTH, a Anatel está preparando novas regras para o setor, unificado pela denominação de Serviço de Comunicação Eletrônica de Massa por Assinatura (SCEMA).

Ainda para o ano de 2000 também estão previstas: a) a votação de projeto de lei para a abertura do capital das empresas de televisão *broadcasting* para estrangeiros, observando o limite de 30%; b) a regulamentação para a digitalização dos serviços de MMDS; e, c) a finalização do processo de licitação para as *espelhinhos*, que abrem o mercado de telefonia fixa para novos operadores (o edital proíbe a participação das concessionárias já existentes e as *espelhos*). A futura regulamentação convergente compreende também as novas tecnologias que foram recentemente testadas no país como o LMDS (*Local Multipoint Distribution System*), também chamado de LMCS (*Local Multipoint Communications System*) ou BWA (*Broadband Wireless Access*); e a televisão digital, cujos testes foram realizados por 17 empresas de comunicação brasileiras, e o relatório final foi tornado público, em julho de 2000, para comentários (Anatel, 2000).

A partir da digitalização, grandes transformações estão ocorrendo tanto na TV quanto na Internet. Duas possibilidades de mudanças são possíveis: pode-se levar a Internet para a TV, tornando-a navegável através do controle remoto; ou o contrário, fazer com que os canais de televisão sejam possíveis de serem assistidos via Internet, na tela do computador.

Internet na TV

Além dos acordos entre empresas para uma convergência econômica, há também a convergência tecnológica de equipamentos. Em termos de equipamento – *hardware* – as principais estrelas tecnológicas surgidas no final da década de 90, os *cable modem* e os *set-top boxes*, estão sendo implantadas pelas principais *global traders*.

O *cable modem*, como o próprio nome indica, é um dispositivo que converte informações enviadas pelo computador em sinais elétricos que depois são recebidos por um dispositivo equivalente que converte os sinais de novo em dados. Inicialmente um *modem*, abreviação de modulador-demodulador, usa apenas a linha telefônica para transferir as informações numa velocidade média, de 56kbps de acordo com a capacidade das principais marcas oferecidas pelo mercado. O *cable modem* transmite estas mesmas informações por cabos de fibra ótica, sendo seu principal atrativo a velocidade com que os dados chegam à casa do usuário: 30Mbps, em condições perfeitas (sem ruídos e com uma estrutura dedicada exclusivamente para o seu uso), e 2 Mbps. Enquanto os *modems* telefônicos são transmitidos na medida de mil *bits* por segundo – Kbps, os *cable modems* vêm com o incremento dos milhões de *bits* por segundo – Mbps.

Já o *set-top box* é um dispositivo de interface entre a rede (de cabos) e o televisor do assinante. Uma espécie de conversor que permite o acesso à Internet, transmissão de dados, e *video on demand* entre outros. Um usuário pode, através da sua televisão, ao mesmo tempo enviar *e-mails* e assistir ao Jornal Nacional, por exemplo, conectando-se a qualquer provedor de acesso ou ao provedor da própria empresa de TV por cabo.

Este equipamento permitiria, por exemplo, que um telespectador assistindo a uma cena da novela *Laços de Família*, na qual a personagem Íris está galopando em seu cavalo e ouvindo música pelo *headphone*, possa, ao mesmo tempo, acessar o portal *Globo.com*. No portal, este usuário poderia clicar no *link* para Íris, dentro da *home page* da novela, e deparar com cinco opções: 1) a personagem (histórico, *e-clip* interativo onde o usuário pode editar *online* as cenas já mostradas com participação da atriz); 2) a atriz Deborah Secco (biografia, dados sobre a personagem, *video-on-demand* dos filmes estrelados, entrevistas); 3) a fazenda (localização no interior do Rio Grande do Sul, a cultura local, propriedades disponíveis para compra na região); 4) o cavalo Vilão (a raça manga larga; *chat* com o treinador; disponibilidade para inseminação artificial); e, 5) Arquivos em MP3 para *download* da trilha sonora relativa à personagem. Tudo isso em tempo real, com qualidade de TV e velocidade de 30Mbps.

No momento, os provedores brasileiros de conteúdo para a Internet ainda não oferecem este nível de integração com a programação televisiva. Tecnicamente, o maior impedimento para que isto ocorra se localiza nas redes. Enquanto os equipamentos de ponta permitem, em tese, tamanha velocidade e capacidade, o caminho percorrido é ainda uma mistura de redes óticas e coaxiais, de par de fios trançado, além de redes sem fio de baixa velocidade. É por isso que, mesmo assinando uma linha ADSL de 256kbps, a velocidade média de *download* atingida é de 100kbps. Há um hiato entre as tecnologias possíveis (e já disponíveis no mercado brasileiro, como podemos ver no quadro a seguir) e a viabilidade da universalização da banda larga, que pode levar ainda muito tempo, dependendo da modernização das redes.

Comparação entre as diferentes tecnologias de acesso à Internet pela TV por assinatura⁴

Tecnologia	Velocidade de <i>Upstream</i>	Velocidade de <i>Downstream</i>	Custo médio do serviço para o assinante	Operadoras no Brasil	Pontos fracos	Pontos fortes
Cable modem	56kbps a 129 kbps	256 kbps a 2 Mbps ⁵	De R\$ 60,00 a R\$ 80,00	Net Sul (Cable Modem Net), TV Filme (LinkExpress), Globo Cabo (Virtua)	Conexão permanente liberação da linha (no bidirecional)	Custo do modem
MMDS	Até 128 kbps (retorno por telefone)	Até 2 Mbps	R\$ 80,00	TVA (Ajaro) e TV Filme (LinkExpress)	Cobertura do serviço (uma antena central cobre uma cidade de pequeno e médio portes)	Por enquanto é só unidirecional
Satélite (DirecPC)	Até 128 kbps (retorno por telefone)	Até 400kbps	Nos Estados Unidos o serviço custa, em média, US\$ 20,00 para 200kbps, US\$ 40,00 para 400 kbps e US\$ 130 para empresas.	Ainda não disponível no Brasil. Nos EUA é prestado pela Hughes	Flexibilidade de instalação, área de cobertura	Custo do serviço, já que a tecnologia é importada
BWA (LMCS) (LMDS)	Até 10 Mbps	Até 155 Mbps	-	Ainda está sendo regulamentado pela Anatel	Indicado para regiões com alta densidade de assinantes, alta capacidade de dados	Tem menor alcance que MMDS e é sensível a interferências

4 Obtido em Mermelstein, 2000.

5 Modems atuais. A rede tem capacidade para até 30 Mbps.

Um dos exemplos mais conhecidos de convergência entre a Internet e a televisão é o acordo entre a Microsoft e a Tele-Communications Inc (TCI), a maior empresa de TV por cabo dos Estados Unidos. Este acordo garante a colocação de Windows CE (*Consumer Electronic*), o sistema operacional mais usado no mundo, porém alterado, em 5 milhões de *set-top boxes*. A intenção de Gates com isso é que, assim como futebol e televisão estão profundamente ligados para milhões de pessoas no mundo, o Windows fique inseparavelmente relacionado à TV. Cerca de 20 milhões de lares americanos têm computadores e *modems* e mais ou menos 68 milhões têm TV por cabo. Para manter um crescimento tão forte quanto o atual, a Microsoft precisa ingressar no mercado chamado *televisionspace*, ou espaço televisivo.

O ano de 2000 iniciou com a criação do maior conglomerado mundial de comunicações: o AOL Time Warner. No dia 10 de janeiro foi anunciada a compra da Time Warner⁶ pelo maior provedor de Internet do mundo, a América Online (AOL)⁷, em uma negociação que envolveu, segundo o boletim Assesso Com, US\$ 166 bilhões. Ainda segundo o boletim, o conglomerado “*nasce com um valor de mercado de US\$ 350 bilhões e deve gerar uma receita de US\$ 40 bilhões anuais... Juntas, as empresas reúnem 36 revistas, entre elas a Time, os canais de TV por cabo CNN, HBO e Warner Group e as marcas Netscape, People e Looney Tunes*” (Assesso Com, 12 jan. 2000). Esta fusão ainda depende da aprovação das agências reguladoras FCC (*Federal Communications Commission*), das telecomunicações; FTC (*Federal Trade Commission*), do comércio; e pela divisão antitruste do Departamento de Justiça dos Estados Unidos, mas, levando em conta a sua natureza e o volume dos valores financeiros envolvidos, ela já configura o negócio mais expressivo já realizado em relação à convergência da TV com a Internet.

Outro exemplo de grande porte ligado à convergência entre a Internet e a TV é um conjunto de acordos e negócios de gigantescas empresas norte-americanas e japonesas. Voltaremos a falar sobre as ações

6 “Time Warner, com 16 anos de existência, tem 20 milhões de usuários e um valor de mercado de US\$ 121 bilhões. De imediato, a associação reúne 120 milhões de leitores de revistas, 35 milhões de assinantes da HBO e 13 milhões de residências assinantes da AOL” (Assessocom, 12 jan. 2000).

7 “Fundado em 1985, o provedor tem 22 milhões de usuários e um valor de mercado de US\$ 169 bilhões” (Assessocom, 12 jan. 2000).

da Microsoft. Desde 1991 a empresa vem pesquisando para criar a TV digital. O primeiro resultado destes esforços foi o Windows CE, *consumer electronics* ou eletrônica de consumo. Em 1993 Bill Gates já estava conversando com a TCI, Time Warner, AT&T e outros grandes das telecomunicações sobre a formação de uma *joint venture* para o lançamento da televisão interativa. O máximo ao que se chegou foi a testes que nunca ultrapassaram a fase laboratorial. A transição da televisão convencional para a interativa não aconteceria da noite para o dia. Os testes desenvolvidos pela Time Warner deixavam isso bem claro. Na tentativa de oferecer para 4 mil assinantes de TV por cabo alguns jogos *online*, filmes *on demand* e pedidos de pizza por meio do controle remoto, a empresa deparava com grandes dificuldades técnicas. Os *set-top boxes* apresentavam um custo de US\$ 8 mil para serem produzidos, e só a criação do aplicativo para a solicitação de pizza precisou de meses de trabalho e centenas de milhares de dólares de investimento.

Tratando-se de negócios entre grandes empresas e convergência, não podemos deixar de falar também na WebTV. Certa noite, quando estava navegando na Internet, Steve Pearlman, um ex-executivo da Apple, decidiu verificar se seria possível transferir uma página do seu monitor de vídeo para a TV. A idéia deu certo e Pearlman criou a WebTV, uma empresa que chamou a atenção de Bill Gates em pouco tempo. Em semanas, a Microsoft comprou a WebTV em um negócio de US\$ 425 milhões. De acordo com pesquisas da própria empresa, as pessoas passam 2,5 vezes mais tempo *online* navegando pela TV do que pelo computador. Acredita-se que isto aconteça por causa da familiaridade existente com o aparelho televisor. O sistema WebTV somente inclui um aparelho *set-top* de US\$ 199 que liga-se à TV. Logo depois da compra da WebTV pela Microsoft, a Sony e a General Instrument, duas das maiores empresas produtoras de aparelhos eletrônicos do mundo, entraram em conversação para incluírem-se no negócio.

Os problemas da Microsoft frente à justiça americana constituem outro exemplo da importância da Internet. O Departamento de Justiça dos Estados Unidos entrou com um processo contra a Microsoft, em maio de 1999, por prática de monopólio. A acusação principal devia-se à venda casada do sistema operacional mais usado no mundo, o Windows, com o *browser*, sistema de navegação da Internet, Explorer. Segundo o Departamento de Justiça norte-americano, a Microsoft conquistou o mercado exercendo ilegalmente o poder do monopólio, dificultando a entrada no mer-

cado de uma forte concorrente, a Netscape. A primeira sentença, proferida em setembro de 1999, proíbe a empresa de vender o seu novo sistema operacional, Windows 98, apenas com o seu *browser*. Caso aconteça esta venda casada, será obrigatória também a inclusão do *browser* Netscape no conjunto. Na mesma ocasião, a própria Netscape iniciou uma campanha mundial legalizando a cópia gratuita do seu navegador através da rede, ação inédita até então. Esta disputa acirrada no mercado de informática, principalmente tratando-se de Internet, e esta forte briga contra o monopólio na rede, deixam claro o quanto este mercado está crescendo e despertando interesses empresariais e governamentais no mundo todo.

Comercialmente, a Internet surgiu, no Brasil, em 1995. Ela situa-se, até agora, na “*era da pré-convergência*”, de que fala Garnham (1996), caracterizada pelo fato de as redes físicas e a sua regulamentação estarem ainda separadas entre telecomunicações e cabodifusão.

Em termos jurídicos, o provimento de acesso à Internet no país é considerado um serviço de valor adicionado (SVA) de telecomunicações que não necessita de outorga de concessão para ser oferecido e utiliza a estrutura das operadoras de telecomunicações para transporte. Inicialmente, as empresas de comunicação entraram no setor, criando ou adquirindo provedores de acesso ou de conteúdo.

A Anatel começou a eliminar estas restrições com o Regulamento de Testes para Serviço Adicionado, publicado em dezembro de 1998, que autorizou as operadoras de televisão por assinatura a realizarem experiências com *cable modems* até junho de 1999. Para garantir o caráter público das redes, previsto na Lei 8.977, e coibir a possibilidade de monopólio, a Anatel exigiu que estes testes fossem feitos em conjunto com três provedores de Internet no mínimo. As principais MSOs⁸ brasileiras já vinham fazendo testes com *cable modems* antes da liberação da Anatel. A RBS vem estudando duas tecnologias, a da Nortel, na Net Sul, e a da Terayon, na Globo Cabo.

O interesse na regulamentação dos serviços convergentes, ou multimídia, pode ser observado pelo número de comentários enviados à Anatel durante o processo de regulamentação do SVA, que esteve em

8 O conceito de MSO usado neste trabalho refere-se às várias modalidades de TV por assinatura operadas por um único grupo. Este conceito amplia o espectro da definição usual do termo para designar as empresas que possuem ou operam mais de um sistema de TV por cabo ou MMDS.

consulta pública entre setembro e outubro de 1999. Das 21 propostas de regulamento elaboradas pela agência, no ano de 1999, esta foi a que obteve recorde de comentários com 86 contribuições. O maior número de contribuições registrado neste ano havia ocorrido, em abril de 1999, com 41 contribuições à Proposta de 'Regulamento sobre a contratação de serviços e aquisição de equipamentos ou materiais pelas Prestadoras de Serviços de Telecomunicações' (Consulta Pública n. 118/99, Anatel, 2000). Outra característica importante da Consulta Pública para o SVA (n. 176) é o alto índice de participação dos usuários de Internet. Das 86 contribuições recebidas, 36 pertenciam a empresas dos setores de informática e/ou comunicações, advogados e entidades da sociedade civil ou dos setores envolvidos e as 50 contribuições restantes pertenciam a pessoas físicas. Durante o ano de 1999, foi observado que, além desta, apenas uma consulta pública obteve contribuição de também apenas uma pessoa física (n. 150, Proposta de Regulamento sobre Canalização e Condições de Uso de Radiofrequências da Faixa de 10,5 GHz).

O evidente interesse dos usuários em utilizar os serviços de Internet em banda larga, aliado à possibilidade de utilizar a capacidade extra da estrutura de distribuição, à crença na massificação da Internet e no ambiente competitivo que está sendo formado no país, impulsionam os investimentos das empresas de comunicação na viabilização do oferecimento de Internet pelo cabo.

Comercialmente, o serviço já é oferecido, desde setembro de 1998, pela Net Londrina, sob o nome de Zapp Channel. Este sistema utiliza o *cable modem* para a transmissão dos dados sem a bidirecionalidade no cabo, ou seja, o retorno era por linha telefônica. Desta forma, a operadora podia oferecer um serviço mais rápido de acesso mas não esbarrava nas restrições legais existentes para as operadoras de cabo. Um serviço equivalente, chamado de Ajato foi lançado, em julho de 1999, pela TVA, do grupo Abril.

Após a aprovação da Resolução n. 190, no final de 1999, os serviços estão se multiplicando. Em julho de 1996, o grupo RBS, terceiro maior grupo nacional de comunicações, transmissora da Rede Globo no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, comprou um provedor de Internet, a Nutech. Este provedor transformou-se, nas mãos da RBS, na Nutechnet, o segundo maior provedor de acesso à Internet do país, com 190 mil assinantes e franquias em 83 cidades de todas as regiões do país em 1998. A Nutechnet, posteriormente transformada em ZAZ, também agrega um

provedor de conteúdo (ou portal, como estão sendo chamados estes provedores mais recentemente), criado em dezembro de 1997. Atualmente o ZAZ está incluído no portal Terra que agrupa todos os provedores da Telefónica de Espanha no mundo. A RBS, originalmente interessada em produzir notícias e diversão, enfim, conteúdo, demonstrou mais uma vez interesse na estrutura tecnológica ao associar-se à maior empresa de *software* mundial, a norte-americana Microsoft, no final de 1997, oferecendo no ZAZ o serviço de informação MSNBC, *joint venture* entre a Microsoft e a rede americana de televisão NBC. Ainda no setor de informática, a RBS é proprietária da ADP Sistemas, que opera no setor de *software*.

Em junho de 1999 a Telefónica Interativa, pertencente à *holding* Telefónica Internacional, adquiriu 51% do ZAZ. Esta movimentação insere a Telefónica, uma empresa de telecomunicações, no mercado de Internet brasileiro e também serve para aumentar os investimentos neste portal, que faturou, em 1998, US\$ 23 milhões, para competir com o Universo Online – UOL, líder no mercado.

A entrada das chamadas *global traders* no setor de Internet brasileiro começa a ocorrer com esta aquisição. O UOL, maior provedor privado de acesso à Internet da América Latina, com 400 mil assinantes, também anunciou recentemente que está procurando um parceiro internacional. O UOL é o *site* em língua portuguesa mais visitado no mundo, com uma média de 100 milhões de páginas acessadas por semana, estando na mesma marca que a gigante mundial de comunicação CNN e superando *sites* como a Disney (17,25 milhões).

Além disso, também em junho de 1999, o *site* de busca Yahoo!, já instalado em 18 países nos últimos anos e que tinha, nesta data, uma média de 60 milhões de usuários mensais em todo o mundo, montou um escritório no Brasil e um *site* em português. Assim como aconteceu nos outros países da América Latina, especialmente na Argentina, essas *global traders*, que inicialmente entraram nesses países participando da privatização das telecomunicações, tomam seu lugar no Brasil, num mercado de comunicações marcado pela convergência.

Além de provedores próprios, alguns grupos brasileiros já estão oferecendo o serviço de Internet por cabo. A Net Sul (também de propriedade da RBS até junho de 2000) esteve, desde 1997, estudando a tecnologia da empresa americana Nortel e aguarda a autorização da Agência Nacional de Telecomunicações, para iniciar os testes de telecomunica-

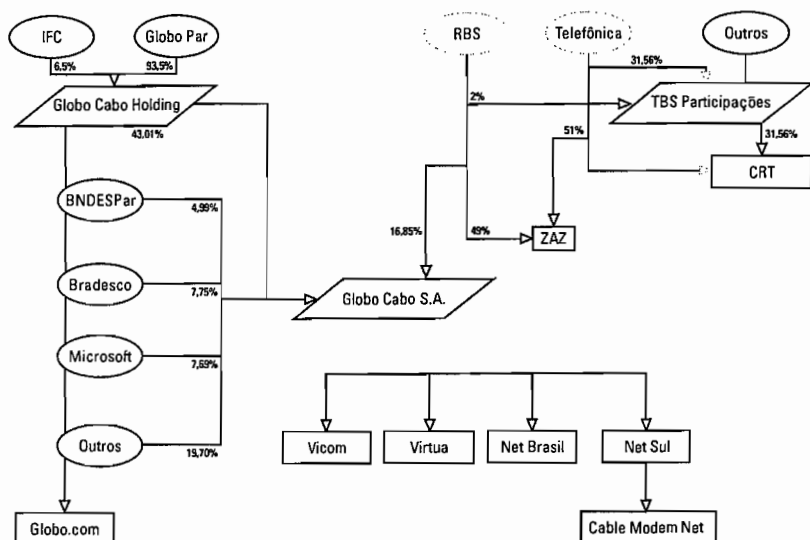
ções em redes de cabo com a interconexão à rede pública (PAY-TV, 24 jun. 1998). Além da Net Sul, o uso das redes de TV por cabo para Internet e outros serviços de dados esteve sendo testado desde 1998, também nas cidades de Londrina-PR, Vitória-ES e Sorocaba-SP.

Outro grande *player* nacional que está operando *cable modems* e *set-top boxes* é a Rede Globo, proprietária da GloboCabo – empresa de cabodifusão. Em maio de 1999, 320 residências em Sorocaba-SP utilizavam experimentalmente o serviço Virtua, o primeiro serviço bidirecional de *cable modem* no país, que utiliza os *softwares* da Microsoft, Windows NT, associados ao MS *Comercial Internet System* (MCIS), um pacote de aplicativos para serviços *Web*. O serviço foi comercialmente implantado no segundo semestre de 1999, a partir da venda de 20% da Globo Cabo S.A., para a Microsoft. A empresa investiu US\$ 126 milhões na operadora de TV por cabo.

No ano 2000 o grupo Globo, que já era o maior grupo brasileiro de comunicação, passa a deter também a maior operadora de TV por cabo e serviços de banda larga da América Latina. Esta transformação teve início em fevereiro com a aquisição, pela *holding* Globo Cabo S. A., da Vicom S. A., empresa que opera serviços limitados de telecomunicações (comunicações de dados corporativos) e que, anteriormente pertencia a um consórcio entre Globopar, Victori Internacional e banco Bradesco por US\$ 120 milhões. Entre 1998 e 1999, a Globo Cabo S.A. incorporou também as operadoras de TV por cabo que anteriormente eram suas sócias: Multicanal Participações e Unicabo.

No dia 20 de junho um novo acordo, envolvendo US\$ 734,7 milhões, foi anunciado. A Globo Cabo S.A. assumiu o controle da Net Sul, empresa que anteriormente pertencia à RBS, 90%, e à própria Globo Cabo, 10%. A Net Sul, detém na região sul do país: 308,6 mil assinantes de TV por assinatura; 1.125,4 mil domicílios cabeados; renda líquida de R\$152,6 milhões, em 1999; e sua rede de cabos possui a extensão de 9.060km, sendo 57% na faixa de 750MHz. Com a fusão a Globo Cabo passou a possuir 1,4 milhão de assinantes, cobertura de seis milhões de domicílios, receita líquida anual superior a R\$830 milhões e mais de 33 mil quilômetros de rede de cabos (Globo Cabo S.A., 2000). Em contrapartida, pela passagem do controle das ações da Net Sul, a RBS passou a deter 16,85% da Globo Cabo S.A. como pode ser observado na figura a seguir.

Empresas de serviços de telecomunicações ligadas à RBS e Globo Cabo



A televisão, portanto, constitui um suporte onde “acontece” um tipo de convergência tecnológica, econômica e jurídica, materializando as possibilidades da Internet no monitor. Mesmo assim, não se trata mais de Internet pelo monitor da televisão ou de uma televisão com hipertexto. Trata-se de uma tecnologia nova, marcada por um caráter híbrido, que não se reduz apenas à soma de duas tecnologias.

Televisão na Internet

No início de 1998, a Microsoft, comprou 11% das ações da Comcast, a quarta empresa de televisão a cabo dos Estados Unidos, investindo mais de um bilhão de dólares no negócio. Na realidade, já é possível assistir à TV pela Internet. Muitos canais oferecem páginas extremamente completas sobre os assuntos que estão abordando, e, mais do que isso, arquivos com reportagens já apresentadas, entrevistas, ou mesmo a apresentação ao vivo de alguns programas (é o caso da Rede Globo, da MTV ou da TV Cultura).

Para os usuários da rede, conectados via ligação telefônica, a qualidade da imagem e do som é ainda precária. Não se tornou algo usual assistir televisão pela Internet, mas verifica-se uma movimentação de investimentos, testes e pesquisas nesse sentido. No Brasil, as operadoras Telefonica e CBTC Telecom oferecem o serviço de ADSL (*Asymmetrical Digital Subscriber Line*), onde o fluxo

de dados é feito através da rede de cabos de cobre, não necessitando de rede de fibra ótica, com velocidade de até 8Mbps. Além destes serviços, a Anatel está preparando um novo regulamento de banda larga *wireless*, utilizando microondas através da tecnologia BWA⁹ que já foi testado, até 1996, pelas seguintes companhias: AG Telecom, Globosat, Sulitel/RBS, TVA e Global-Tel. Os usuários brasileiros vivem, no momento, uma situação híbrida entre os *modems* analógicos de 56Kbps e a proximidade do serviço *wireless* com até 100Mbps.

Evolução da velocidade de dados¹⁰

1962	Primeiros <i>modems</i> analógicos transmitem a 300 bps
1970	<i>Modems</i> analógicos de 1,2 kbps
1978	Telefônicas lançam o DDS (<i>Digital Data Service</i>), conexão dedicada com capacidade de 56 kbps
1982	<i>Modems</i> analógicos de 2,4 kbps
1983	Lançamento do ISDN, com velocidade de até 128 kbps
1984	Linhas T1, com capacidade de 1,5 Mbps; <i>Modems</i> analógicos de 9,6 kbps
1990	<i>Modems</i> analógicos de 14,4 kbps
1992	<i>Modems</i> analógicos de 28,8 kbps
1993	Primeiros testes de ADSL, com até 1 Mbps
1994	<i>Modems</i> analógicos de 33,6 kbps; Primeiros testes de <i>cable modem</i> nos EUA e Canadá
1995	Início da comercialização do <i>cable modem</i> , com velocidades de 1 a 3 Mbps
1996	<i>Modems</i> analógicos de 56 kbps
1998	Início da comercialização do ADSL, com velocidades de <i>download</i> de 7,1 Mbps
2000	Novas tecnologias, como LMCS, poderão atingir mais de 100 Mbps no <i>download</i>

9 Esta foi a terminologia adotada pela Anatel. O mesmo serviço também é chamado de LMDS e LMCS.

10 Novas tecnologias, como LMCS, poderão atingir mais de 100 Mbps no *download*. Fonte: "Residential Broadband", ADSL Forum, Dataquest, Intel. Teletime. Obtido em: Mermelstein, 2000.

O site da revista *Pay TV* disponibilizou recentemente um relatório sobre Internet em banda larga onde afirma-se que, até o final de 2000, a norte-americana *Hughes* iniciará no Brasil a comercialização de um serviço, chamado *DirecPC*, que, através de satélite, oferece acesso à Internet, transferência de arquivos em alta velocidade e transporte de vídeos e arquivos multimídia. Segundo a revista “*nos Estados Unidos, o DirecPC é utilizado preferencialmente por usuários domésticos para acesso à Internet. A empresa tem uma base de 60 mil clientes, que podem contratar links de 256 kbps e 400 kbps para download, que custam, em média, US\$ 20,00 e US\$ 40,00 mensais, respectivamente*” (Cristoni, 2000).

Isso nos possibilita introduzir uma outra convergência, em pleno desenvolvimento mas ainda com uma evolução imprecisa: a dos chamados portais. São sites na Internet, propondo informações do dia, meteorologia, coberturas de acontecimentos ao vivo, guias de turismo multimídias, localizadores – seleção de sites Web com palavras-chaves. Aqui as posições ficam invertidas. Poderíamos dizer que, ao contrário do exemplo anterior, trata-se de um computador que hospeda a televisão. Claro, é uma tecnologia recente, desenvolvida há muito pouco tempo e que agora se materializa nos empreendimentos da Disney e NBC nos Estados Unidos, associados respectivamente à *Infoseek* e *Snap*. Apenas como exemplo fora dos Estados Unidos, podem ser citados, na França, as iniciativas do canal TF1, *France Télévision* e *France Telecom*. E, no Brasil, existem portais como o Ajato que oferece conteúdo em banda larga desde o início de 2000, o *Media Cast*, da LabOne, que oferece vídeos exclusivos para a Internet que incluem shows de jazz, boletins jornalísticos, entrevistas e *traillers* de filmes brasileiros, ou a MTV com um *e-clip* que pode ser editado pelo usuário.

Colocar de um lado exemplos franceses e do outro, exemplos norte-americanos, mostra uma imprecisão sobre essas tecnologias e empreendimentos mundializados. O que se observa é a impropriedade de se falar de investimentos por país quando os negócios se globalizam. O jornal *Libération*, por exemplo, analisando o caso francês, fala na iniciativa da TF1, procurando trazer a Internet para o monitor, mas, ao mesmo tempo, produzindo programas a serem oferecidos exclusivamente pela Internet. A reportagem discute também a contratação feita pela France Télévision de um profissional até então responsável pelo setor de multimídia da France Telecom. Como se vê, também as atividades profissionais se embaralham.

As alianças entre grupos nacionais e internacionais mostram que fora dos Estados Unidos geralmente acontecem alianças de grupos locais com empresas dos Estados Unidos. No exemplo que vínhamos seguindo, têm-se a aproximação da AOL/Compuserve da França, filial comum de Canal e de Cegetel, lançando o portal Aol.fr, que já experimenta grande sucesso nos Estados Unidos. Finalmente – e aqui uma espécie de convergência cruzada – a empresa France Telecom criando o portal *Voila*, apon-tando a falta de limites definidos entre as atividades de telecomunica-ções, Internet e televisão.

A lógica dos portais é, sobretudo, econômica, numa Internet ca-racterizada pela gratuidade do conteúdo oferecido ao usuário. Não estamos nos referindo a bancos de dados e outro tipo de informações estratégicas. Falamos em *sites* enquanto entretenimento, noticiário, cobertura ao vivo etc. Mesmo o *New York Times* que antes cobrava uma mensalidade pela sua versão eletrônica, voltou a oferecer acesso gratuito aos seus serviços, cobrando apenas por certos artigos classificados.

No caso dos portais, a estratégia é reunir em um mesmo *site* o maior número possível de usuários e, a partir daí, cobrar de empresas pela publicidade veiculada. Não se cria assim uma dispersão muito gran-de dos investimentos publicitários que, de outra forma, estariam dividi-dos entre milhões de *sites*. São justamente esses “*supersites*” os chamados portais, face oposta da WebTV, ou melhor, outro tipo de convergência ou de negócio, cuja evolução ainda não é de todo conhecida mas que já movimenta milhões de dólares. No Brasil, alguns dos principais portais, Universo Online - UOL, Terra, Globo.com, Ajato e SBT Online - SOL, têm origem em grupos tradicionais de comunicação – Grupo Folha; RBS, Rede Globo, TVA e SBT, se bem que esses portais ainda são uma incóg-nita econômica.

Perspectivas

Garnham (1991) e Richeri (1995) estão certos ao afirmarem que estamos vivendo uma fase de transição na comunicação eletrônica de massa. Tínhamos (temos) um modelo de televisão, ainda predominante, que é a televisão massiva; passamos por uma transição, caracterizada pela televisão por assinatura e as novas linguagens dos mídias; e nos aproxima-mos de um outro tipo de televisão, que pode ser chamada interativa, cibertelevisão, televisão pós-fordista, ou gategista (Tremblay, 1995) ou,

conforme autores mais radicais, pós-televisão, ou seja, um misto de televisão e de computador.

As medidas de desregulamentações e as re-regulamentações, com hegemonia de empresas privadas, do capital financeiro internacional, e com o afastamento do Estado das atividades de operador de telecomunicações, conforme receituários clássicos neoliberais, demonstram que a metáfora das super-estradas da informação não era apenas figura de retórica eleitoral norte-americana. Tratam-se, na verdade, de medidas normativas estruturais que possibilitam, em nível regional, a quebra definitiva da possibilidade de uma participação forte do Estado nas comunicações como operador. O que, na Argentina, já ocorreu com as privatizações empreendidas e efetivadas nos últimos dez anos, e o que está para ser concluído no Brasil.

Apesar da globalização da economia, a convergência das teles e das tevês no Brasil é fato singular. A televisão por cabo é um exemplo ainda mais claro dessas diferenças. Não se trata, por exemplo, de uma repetição no Brasil do que aconteceu na Argentina, mesmo que o guarda-chuva do neoliberalismo seja parecido. Em outras palavras, o sistema de televisão por cabo começou muito mais cedo na Argentina porque, diferentemente do caso brasileiro, os militares argentinos não haviam dotado aquele país de um moderno sistema de telecomunicações, de modo a permitir a chegada dos sinais de televisão a todos os recantos do país. Mas, por outro lado, a Argentina, bem como outros países da América do Sul, vive, nos últimos anos, o completo domínio das empresas estrangeiras no setor de televisão aberta ou por assinatura. Diferentemente, os militares brasileiros – com as intenções 'fordistas' de propiciar a ligação do país, através de um sistema de telecomunicações unificado e avançado, e de aliar-se a um grupo de televisão que funcionasse como uma espécie de porta-voz do Estado – acabaram propiciando uma estrutura tecnológica e econômica local de comunicações mais preparada para o cenário convergente que está sendo delineado nos moldes pós-fordistas ou gatecistas.

As diferenças acontecem também na convergência do aparato jurídico. A Agência Nacional de Telecomunicações – Anatel - vem se preparando para a convergência dos setores através dos testes das tecnologias mais recentes e da elaboração de uma regulamentação que unifique todos os serviços de comunicações. No Brasil, também, o principal grupo que controla a televisão por cabo é o mesmo que detém a principal rede de

televisão no país. E dele provém boa parte da programação nacional neste segmento da televisão.

Se o cenário da convergência das teles e da TV está a caminho da consolidação, o mesmo não acontece nas aproximações entre a televisão e a Internet. No primeiro caso – teles e TV – as tecnologias e o volume de capitais estão permitindo a construção desse cenário dentro do próprio país, com a participação de gigantes internacionais como a Telefônica ou, no caso da televisão por assinatura, com o aporte de capital e experiência das indústrias culturais globalizadas, do setor financeiro e de grupos nacionais. No segundo caso, envolvendo a Internet e a televisão, é diferente. Isso porque a televisão na Internet ou a Internet na televisão ainda estão nos seus primeiros passos. E as maiores experiências acontecem em outros cenários que não o Brasil. Porém, os investimentos dos grupos locais ou o interesse de grandes provedores internacionais no mercado brasileiro mostram que esse será um *locus* privilegiado para aplicação e reprodução do capital, num mundo globalizado sob a grande rede.

Referências

- ACESSOCOM. Jornalismo especializado em comunicação. Publicação *on line* do Epcom: Instituto de Estudos e Pesquisas em Comunicação. <http://www.acesocom.com.br>
- ANATEL. Agência Nacional de Telecomunicações. <<http://www.anatel.gov.br>>
- AUST, Thomas. **Convergence and its players: potential winner.** Communications Media Center at New York Law School. <http://www.cmenyls.edu/public/papers/CONVERGE.htm> 09 out. 1996.
- CAPPARELLI, Sérgio; RAMOS, Murilo César; SANTOS, Suzy. A nova televisão no Brasil e na Argentina. In: CAPPARELLI *et al.* **Enfim, sós: a nova televisão no Cone Sul.** Porto Alegre: LPM, 1999. p. 9-38.
- CASTELLS, Manuel. The culture of real virtuality. In: CASTELLS, Manuel. **The rise of network Society.** v.1. cap. 5. Massachussets: Blackwell, 1996.
- CRISTONI, Inaldo. Internet em alta velocidade. Acesso: O desafio de chegar ao usuário. Pay TV. Tutorial disponível no *site* <http://www.paytv.com.br/mercado/tutorial/index.htm>

GARNHAM, Nicholas. **Capitalism and communication, global culture and the economics of information**. Londres: Sage, 1990.

_____. **Convergence between telecommunications and audiovisual: consequences for the rules governing the information market**. Bruxelas: LAB meeting on convergence – Regulatory Issues, European Commission – Legal Advisory Board, 30 abr. 1996. <http://www2.echo.lu/legal/en/converge/960430/garnham.html>

_____. **La economía política de la comunicación - El caso de la televisión**. Telos. Madrid: Fundesco, n. 28, dez.-fev. 1991. Cuaderno central (economía de la información y la comunicación). p.68-75.

GLOBO CABO S. A. **Globo Cabo assume o controle da Net Sul tornando-se a maior operadora de serviços digitais de banda larga e TV por assinatura da América do Sul**. disponível em: <http://www.globocabo.com.br>

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1994.

HOBBSBAWN, Eric. **Era dos extremos: O breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JAMBEIRO, Othon. **A comunicação e o cenário internacional contemporâneo. Idade Mídia**. Salvador: UFBA, 1995. p. 164-184.

LACROIX, J.; MIÈGE, V.; MOEGLIN, P.; PAJON, P.; TREMBLAY, G. **La convergencia entre telecomunicaciones y audiovisual. Por una renovación de perspectivas**. Telos. Madrid: Fundesco, n. 34, jun.-ago. 1993. Cuaderno Central.

MERMELSTEIN, André. **Internet em alta velocidade. Apresentação: a internet vai mudar. Pay TV**. Tutorial disponível no site <http://www.paytv.com.br/mercado/tutorial/index.htm>

MURCIANO, Marcial. **Lo global y lo local en las estructuras de comunicación internacionales. Monopólios o redes**. Telos. Suplemento da revista n. 34. Madrid: Fundesco, 1994. p. 13-38.

NOAM, Eli. **Towards the third revolution of television**. Texto apresentado no Symposium on productive regulation in the TV market. Gütersloh, Alemanha: Bertelsmann Foundations. 1 dez. 1995.

- OHL, Murilo. Internet em alta velocidade. Produção já começou. Falta virar bom negócio. **Pay TV**. Tutorial disponível no *site* <http://www.paytv.com.br/mercado/tutorial/index.htm>
- PISCITELLI, Alejandro. *Post/televisión*. Ecología de los medios em la era de internet. Buenos Aires, Paidós, 1998.
- RAMOS, Murilo César. *A introdução da televisão por cabo no Brasil: rede única, rede pública e participação da sociedade*. Brasília: Universidade de Brasília, mimeo. Trabalho apresentado no GT Comunicação e Política, durante a III Reunião Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), realizada em Campinas, São Paulo, de 22 a 26 de agosto de 1994.
- RICHERI, Giuseppe. *La transición de la televisión*. Barcelona: Paidós, 1995.
- _____. Condizioni di base per l'affermazione dei nuovi media. *Media Mente*: trasmissione televisiva e telematica sui problemi della comunicazione. Roma: Biblioteca digitale/intervista, 12 jan. 1996. <http://www.mediamente.rai.it/home/bibliote/intervis/r/richeri02.htm>.
- ROSE, Frank. The televisionspace race: forget the browser. (Bill Gates has.) Microsoft wants to be in the box. **Wired**. n. 6. abr. 1998. <http://www.wired.com/wired/6.04/features>.
- YANUZZI, Maria A. Algunos aspectos del neoconservadorismo político. In: *Revista la Línea de Sombra*. Rosário: Universidad Nacional de Rosario, n. 2, inv. 1992.
- ZANATTA; Carlos Eduardo; Ramos, Raquel. MMDS e LMCS: Regulamento brasileiro é convergente. **Pay TV**. Tutorial disponível no *site*. <http://www.paytv.com.br/mercado/tutorial/index.htm>.